

Não esquece a cabeça porque esta grudada!



Se existe um lugar que renda boas histórias, esse lugar certamente são os famosos bordéis, aquelas boates espalhadas por aí, normalmente ornadas com uma luz vermelha na frente, popularmente conhecidas como “zona”. Sabemos que o simples fato de se frequentar esses locais já abre uma grande possibilidade de você ser lembrado entre as conversas do povo, pois, normalmente esses espaços habitam o imaginário popular, fazendo com que sejam constantemente lembrados em rodas de conversa. Aliás, é incrível como as histórias acontecem nesses lugares e são rapidamente espalhados pela rua, sem que haja testemunhas. Afinal, dizer que estava lá, dependendo da situação, pode ser muito comprometedor.

Uma prova da popularidade desses lugares é o sucesso que algumas músicas fazem com o tema, quem não lembra ou nunca pediu para tocar “Boate Azul”? “Doente de amor procurei remédio na vida noturna, no clarão da noite em uma boate aqui na

zona sul...”, ou “Som de Cristal”? “A casa noturna boate falada lugar de má fama, com as portas abertas, durante a noite entra quem quiser...”

Em Siderópolis, com o auge da exploração de carvão a partir dos anos de 1950, muita gente vinha de outras regiões do estado se estabelecer na cidade, para trabalhar nas minas de carvão, o que aumentou consideravelmente a população do município. Alguns empreendedores locais enxergaram nisso uma possibilidade de negócios e começaram a oferecer serviços de “distração com acompanhantes” para toda essa gente, o que fez com que vários estabelecimentos do tipo fossem abertos pelos cantos mais retirados da cidade, afinal a clientela na maioria das vezes gosta de privacidade.

Pois bem, havia na cidade um senhor apelidado de Zé do Bordel, que não à toa tinha esse apelido, já que, apesar de casado tinha fama de dar umas escapadinhas, as famosas puladas de cerca e já era bem conhecido pelos prostíbulos da cidade. Além do costume improprio, seu Zé tinha outras peculiaridades, se distraia com facilidade e vivia esquecendo as coisas por ai, sua distração acabou por lhe render um grave acidente em que lamentavelmente ele precisou amputar uma perna, passando com o tempo a usar uma perna mecânica. Bem-humorado, costumava brincar com a situação:

– Ainda bem que não precisei amputar a perna do meio. Costumava dizer maliciosamente.

Acontece que, por um tempo, depois do fatídico acidente, seu zé teve que se ausentar da vida noturna, mas logo estaria de volta, afinal a perna lhe fazia falta, mas a essas alturas suas muletas já o ajudavam a ir onde bem intendesse, e como ele mesmo dizia:

– Para o que eu gosto, uma perna nem faz tanta falta assim!

Tempos depois do acidente, nosso personagem pode melhorar sua qualidade de vida, adquirindo com muito esforço, uma perna mecânica. No começo as muletas ainda eram suas companheiras, foi preciso um tempo para se adaptar ao novo acessório, era difícil aprender a caminhar com a nova perna, às vezes, ele se desequilibrava, e era preciso ganhar confiança para depois largar as muletas.

Neste processo todo, ele resolveu mostrar a novidade para suas “amigas da noite”. Em uma destas visitas, apesar de estar meio “duro” (de grana, fique bem entendido, pois havia gasto uma quantia considerável com a nova perna), ele resolveu comemorar a nova aquisição em uma festinha privada, em um dos quartos do estabelecimento.

De início já percebeu que a perna mecânica, para este caso, incomodava um pouco, ele ainda não estava bem adaptado, a perna causava um certo desconforto natural neste processo e também apresentava articulação limitada, o que acabou incomodando sua acompanhante. Sendo bem direto, no momento a perna estava atrapalhando, e ele resolveu se desprender do acessório.

Acontece que seu Zé, animado em seu momento íntimo e meio alegre depois de umas doses nem percebeu o tempo passar, já era madrugada e ele se apresou em se vestir, pegou suas muletas e saiu apressado em voltar para casa sem dar muita bandeira, na pressa esqueceu da sua perna mecânica jogada no canto do quarto, e assim retornou para casa, sem se dar conta, pois ainda não estava habituado com ela.

Já no outro dia, quem notou a falta da perna foi sua esposa:

– O zé cadê sua perna? Indagou ela.

Foi quando ele se deu conta...de improviso e meio desconcertado ele justificou:

– Acabei deixando ontem no bar onde estava jogando canastra. Tirei ela pois estava causando desconforto e, como não estou acostumado, acabei esquecendo lá, mas a noite eu pego.

O ocorrido lhe causou uma saia justa, mas ele se manteve tranquilo, pois bastaria ira noite ao bordel recuperar sua perna, assim o fez. Como de costume chegou sorridente e soltando piadinhas, mas seu humor logo mudou quando constatou que a dona do estabelecimento percebeu no ocorrido, uma possibilidade de aumentar seus ganhos:

– Sim achamos sua perna, e devolveremos mediante pagamento da taxa por tê-la guardado! Disse ela.

Seu Zé tentou argumentar para reverter a situação, mas não teve jeito, o máximo que ele conseguiu, por já ser um velho cliente do local, foi convencer a dona a lhe devolver a perna fazendo “fiado”, anotando a conta na ficha, claro que com acréscimo no valor! Assim, na caderneta ficou anotado “aluguel de uma diária do porta-volumes e uma cerveja”, pois seu Zé já estava com a garganta seca pelo nervosismo.

Voltou para casa aliviado com sua perna, e depois deste dia resolveu não usar mais suas muletas, até sentiu falta delas no processo de adaptação mas resolveu não pagar a taxa para recuperá-las depois de ter esquecido elas também no prostíbulo.

Antes que as más línguas digam que eu estava lá e por isso sei da ocorrido, preciso dizer que não sou contemporâneo da história relatada, nem sequer era nascido, apenas conheço porque são coisas que o povo comenta.

Narrador e ilustrador: Macsuel De Bona, historiador, pós-graduado em Patrimônio Cultural.